

POR UM CURRÍCULO-FENDA

FOR A CRACK- CURRICULUM

Marília Frade Martins¹

<https://orcid.org/0000-0001-9369-9399>

Lêda Valéria Alves da Silva²

<https://orcid.org/0000-0001-6570-6408>

RESUMO

O currículo é uma tecnologia que põe em funcionamento estruturas, relações de saber-poder e normas. Pensando assim, o currículo é uma forma de governar vidas ditando corpos, verdades e condutas. Com base no pensamento da filosofia da diferença, este ensaio tem como objetivo debater um currículo que empurre os encontros autoritários e tristes e abra espaço numa escola e numa prática pedagógica que parecem subordinadas às lógicas do capital. Por meio das alegorias muros, fissuras e passagens, problematizamos as noções de currículo para pensar em um currículo-fenda como uma possibilidade de preservação e afirmação de singularidades e diferenças que multiplicam potências de vida nas escolas.

Palavras-chave: Currículo. Prática Pedagógica. Biopotência.

ABSTRACT

The curriculum is a technology that puts structures, know-power relations and norms. In this way, the curriculum is a way of governing lives by dictating bodies, truths and conduct. Based on the philosophy of difference, this essay aims to discuss a curriculum that pushes authoritarian and sad encounters and opens space in a school and in a pedagogical practice that seems subordinate to the logic of capital. Through the allegories walls, fissures and passages, we problematize as notions of curriculum to think of a curriculum-gap as a possibility of preservation and affirmation of singularities and differences that multiply life powers in schools.

Keywords: Curriculum. Pedagogical practice. Biopotential.

¹ Pedagoga. Mestra em Educação em Ciências Pelo Programada de pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará/ UFPA. Especialista em Educação na Secretaria de Estado de Educação do Pará/ SEDUC e, atualmente, é Professora Substituta no Instituto de Estudos Costeiros IECOS/UFPA. Bragança, Pará, Brasil. Email: mariliafm87@gmail.com.

² Licenciada em Ciências Biológicas. Mestra e Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Pará. Foi professora substituta na UFPA. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação em Ciências, atuando principalmente no seguinte tema: Educação Ambiental e Prática de Ensino. Belém, Pará, Brasil. Email: leda_valeria@yahoo.com.br.

1. INTRODUÇÃO...

No início da quarentena, lemos o livro de Ailton Krenak (2019), no qual ele afirma ser o encontro com as pessoas um motivo para esticar um pouco o início do fim do mundo. Propondo o exercício, ele faz uma analogia à prática de tai chi chuan, dizendo: “quando você sentir que o céu está ficando muito baixo é só empurrá-lo e respirar” (KRENAK, 2019, p.14).

O exercício de Krenak é também nosso e expressa um desejo de respirar nos dias sufocados de incertezas e revolta num mundo que encurrala a subjetividade e nos reduz a uma sobrevida que se arrasta em tempos claustrofóbicos. Tempos que constroem muros a nossa volta, na tentativa de barrar todo movimento, tudo aquilo que transita para além do assegurado, do controlado, do dito, principalmente, no currículo.

Esse texto tem como objetivo debater um currículo que empurre os encontros autoritários e tristes e abra espaço (fissuras) numa escola e numa prática pedagógica (muros) que parecem estar soterradas na lógica que transforma vidas em capital (PELBART, 2002). Com base no pensamento da filosofia da diferença, procuramos aberturas nos muros curriculares que cercam a educação ao mesmo tempo em que nos perguntamos: “O que fazer com o currículo-muro ao nosso redor?”

Pensamos, então, um currículo-fenda como possibilidade de abalar as estruturas de um currículo cimentado, empurrando práticas sufocantes, abrindo espaços, para, talvez, fazê-lo passear, movimentar e respirar. A partir do encontro com as alegorias criadas nos demoramos um pouco mais às noções de currículo para problematizá-lo e, assim, abrir passagens através dos muros.

2. MUROS...

O currículo é uma tecnologia que põe em funcionamento estruturas, relações de saber-poder e normas. Faz isso também por meio do não dito: da organização dos espaços, das avaliações, das metodologias. O currículo parece ser onipotente: faz, justifica e organiza a rotina das escolas.

É certo que um currículo é também território povoado por buscas de ordenamentos (de pessoas e espaços), de organizações (de disciplinas e campos), de sequenciações (de conteúdos e níveis de aprendizagens), de estruturações (de tempos e pré-requisitos), de enquadramentos (de pessoas e horários), de divisões (de tempo, espaço, áreas, conteúdos, disciplinas, aprendizagens, tipos, espécies...). Isso tudo porque o que está em jogo em um currículo é a constituição de modos de vida, a tal ponto que a vida de muitas pessoas depende do currículo (PARAÍSO, 2010, p. 588).

Pensando assim, o currículo é uma forma de governar vidas ditando corpos, verdades e condutas: quem é o bom/mau aluno/professor; como o enxergar, o dizer, o avaliar (LARROSA, 2010). É possível perceber isto nas quase 600 páginas do documento sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que pouco modifica os valores e missões e sutilmente retira temas como gênero e sexualidade da Educação Básica, erguendo um ensino segmentado aos tópicos da biologia, prescrito à reprodução humana (heteronormativa), destinado ao 8º ano do Ensino Fundamental.

Um currículo não é somente necessário no âmbito da norma de condutas, como também, para despotencializar a vida e sustentar o concreto da reconhecimento. Ou seja, o currículo-muro nos cerca em uma realidade pronta e acabada, levando o pensamento a reafirmar um modelo curricular universal, em que a capacidade criativa é reduzida ao (empi/espe)lhamento por efeito da vida já pensada e preparada pra nós.

O currículo – muro, que nós também levantamos ao reconhecê-lo como verdade, vai aos poucos achatando o horizonte de nossas escolas e, impedindo a visão. A paisagem cimentada, endurecida se torna a suposta realidade a ponto de nos fixar em identidades, normas, verdades insustentáveis, que nos massifica e nos sufoca. Este currículo é interessante no contexto de uma vida enfraquecida, debilitada, que pouco oferece resistência às investidas do capital.

Os currículos-muro são eficazes porque eles operam uma captura que desvia a potência - o desejo que nos atravessa - oferecendo conteúdos e aulas, que supostamente nos agradam e nos conformam nas referências, nos parâmetros, na base, ou porque não dizer, no cimento da representação. Por fim, somos capturados e acabamos por elogiar os muros que nos cercam. Nos sentimos protegidos e acolhidos na suposta casa do saber: a escola.

Agora, esperam de nós que retomemos ao trabalho... Como retomar docilmente currículos e práticas pedagógicas que asfixiam a vida vivida nas escolas, através de uma formação compreendida como aprendizagem técnica de suposto preparo para trabalho e cidadania (CARVALHO; GALLO, 2017), perpetuando falácias meritocráticas e vampirizando subjetividades (PELBART, 2002) e im/potências como ensina Agamben (2014)?

Como, também, bem pergunta (BARRENECHEA, 2014): “nós contemporâneos da decadência, rejeitaremos nossa época? Padeceremos tédio e angústia por transitar em um tempo crepuscular? Ou ao contrário, no meio do declínio, assumiremos esta era que é nossa?” (p.67). Assumiremos nossa condição ao celebrar o instante da vida que passa através das pequenas aberturas/rachaduras que podemos fazer? Ao invés de simplesmente contemplar a barreira à nossa frente?

3. FISSURAS...

Não há muro que seja inderrubável, assim como não há currículo que seja inflexível. Em todo muro há fissuras, buracos, passagens minúsculas, fendas... Uma fenda é uma abertura incômoda, uma rachadura que dependendo do tamanho vai abalando as estruturas, mesmo a mais firme. Foucault (2004), nos ensina que é preciso “olhar as camadas do terreno, as dobras, as falhas. [Onde] é fácil cavar? O que vai resistir? (p.69 –grifo nosso)”. Para isso é preciso observar, estar atento às pequenas brechas, pequenos lampejos de visão para além do concreto.

As fendas, se multiplicadas, podem fazer uma fortaleza ruir: multidão de furos, de vários tamanhos, no muro que sustenta um currículo imponente, fixo, verdadeiro. Uma fenda também é uma possibilidade de enxergar além do muro da escola, pequenas visões atravessando o concreto.

O lugar por onde atravessar não importa. Se quisermos poderá ser pelo início, pelo fim ou pelo meio (CORAZZA; SILVA, 2010) desde que abramos uma fissura em nossa rotina, na qual encontros entre os corpos (materiais e imateriais) (PELBART, 2002) aconteçam, nos permitindo respirar, não como um fado biológico, mas como um movimento vital, um momento no tempo por onde o fluxo das existências passa.

Essa existência que é a vida pensada como inteligência, afeto, cooperação e desejo e como potência criadora de multidões (PELBÁRT, 2002) precisa ter espaço dentro da escola, nas aulas, nos projetos, na rotina. Mais do que questionar o que o aluno sabe sobre determinado assunto, é preciso questionar o que ele gostaria de dizer. Sobre o quê? Sobre a verdade científica/religiosa/econômica? Talvez. Se for isso que o interessa, que o importa.

No entanto, para abrir buracos que, por menores que sejam, nos permitam respirar é preciso que nos movimentemos das posições hierárquicas de saber-poder que fazem da infância neutralidade, da adolescência rebeldia e dos jovens-adultos atrasos. Pois, somos nós (professores, pedagogos, gestores) que replicamos aulas passivas, que exigimos silêncios, que reproduzimos condutas massificadoras na escola. É preciso pesquisar o fascismo presente em nós e num esforço dissolvê-lo para abrir espaço e respirar.

Sem o menor intuito de prescrever uma prática para esta que é uma atividade crítica estética (CANDIOTTO, 2010) voltamos aos anos da Educação Infantil. Todos os dias, antes de começar a aula, sentávamo-nos em roda, aguardando a maioria. Ao nos reunirmos, olhando uns para outros, nos cumprimentávamos cantando, saudando o dia e alegria de nos encontrarmos. Eufóricos, os alunos aguardavam o momento em que se perguntaria: quem tem algo para contar?

Deste simples questionamento todos os tipos de vida apareciam, pululavam furos por onde a vida jorrava. Conflitos familiares, pessoais e entre os colegas; acontecimentos coletivos como um jogo decisivo na copa do mundo e individuais como o nascimento de um irmão; experiências de luto e de gozo que marcavam os alunos eram compartilhadas, ouvidas, discutidas entre nós. Se possível, fazíamos relação com assuntos trabalhados, mas esse nunca foi o objetivo do nosso encontro, pois a potência da vida é nômade e escapa da fixidez dos conteúdos curriculares.

Retomar o trabalho diante de tudo o que está acontecendo exigirá que sejamos, como diz a música, atentos e fortes. Atentos ao material e imaterial que perpetuam lógicas capitalistas e fascistas. E fortes para arredá-los em nós mesmos e nas miudezas das rotinas da escola e da aula para que não haja apenas uma nova norma imposta, mas espaços de diálogo, de reflexão, de

encontro entre corpos que sofreram/sofrem não só as mais variadas disciplinas, violências, exclusões, como também experiências, acontecimentos, devires.

4. PASSAGENS...

Foucault disse em uma entrevista: “não sou a favor da destruição, mas sou a favor de que se possa passar, de que se possa avançar, de que se possa fazer caírem os muros” (FOUCAULT, 2004, p. 69). Passar... Interessa-nos criar passagens, por onde atravessem toda forma que escapa ao currículo. Passagens como as experiências que nos atravessam. Dito de outro modo, nos interessa um currículo que não é apenas um conjunto de conteúdos para ensinar e avaliar, ao final de cada período, mas afirmações de singularidades, multiplicidades, modos de vida cotidianos.

Talvez um currículo-fenda esteja mais relacionado às fissuras que produzimos do que propriamente a queda do muro. Pois, ao demolir um currículo que supostamente desagrade, tendemos a reduzir e simplificar o esforço, ou, simplesmente, colocar outro currículo no lugar. Não nos interessa substituir muros, mas criar passagens dentro destes currículos que afirmamos, pois neles também existem nuances que nos compõem.

Os currículos-fenda são, então, passagens que preservam as singularidades e afirmam as diferenças como modos de vida. São pequenos espaços abertos na arquitetura/organização/horários/materiais/metodologia/avaliação com a qual vivemos a escola. Fissuras que, de tão menores, não são visíveis às grandes narrativas sobre a Educação Brasileira e, por isso mesmo, esticam um pouco mais o fim de mundos marginais, anormais, inúteis ao capital que rouba subjetividades em nome da mão de obra qualificada.

Assim, um currículo-fenda não pode ser nem certificação, nem conclusão final, mas uma espécie de ida e vindas pelas aberturas, como fazem os insetos ao transitarem pelas frestas: nenhum concreto os detém.

Mas é preciso coragem! Nenhuma ferramenta está excluída, tampouco temos todas fabricadas. Na precariedade de nossas lentes, busquemos na experiência do olhar, nas existências múltiplas como dos insetos a possibilidade de recuperar a leveza que nos foi tirada ao habitar o concreto. Passear, pelas frestas quase imperceptíveis e ainda assim resistir e inventar currículos que

sorriam e celebrem a vida e não apenas amedrontem e ressintam o instante que vivemos.

Por fim, o que propomos mais como provocação ao debate e menos como resultado do questionamento feito é pensar no currículo como uma fenda que tenha na prática pedagógica um instrumento de trabalho inspirado no que sugere Manuel de Barros (2010): abridor de amanhecer, esticador de horizontes. Obviamente, não poderemos esperar que seja instituído pelos regimes de verdade e de governo para re/começarmos a abrir espaços, pois o currículo-fenda é rachadura em muralhas prescritivas da vida capital, por onde aquilo que nos acontece e que nos é negado poderá entrar.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Nudez**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya. 2010.

BARRENECHEA, M. A. **Nietzsche e a alegria do trágico**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2014.

CARVALHO, A.; GALLO, S. Defender a escola do dispositivo pedagógico: o lugar do *experimentum scholae* na busca de outro equipamento coletivo. **Revista Educação Temática Digital**. Campinas, SP v.19 n.4 p. 622-641 out./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8648756/16853>. Acesso: 20 mai 20.

CANDIOTTO, C. **Foucault e a crítica da verdade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CORAZZA, S.; TADEU, T. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FOUCAULT, M. Eu sou um pirotécnico. In: POL-DROIT, R (ed.) **Michel Foucault, entrevistas**. São Paulo: Graal, 2006.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, T. T. (org.). **O sujeito da Educação: Estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 2011.

PARÁISO, M. A. Diferença no currículo. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, p. 587-604, 2010.

PELBART, P. Biopolítica e Biopotência no coração do império. **Revista Multitudes**, v. 9, 2002. Disponível em: https://desarquivo.org/sites/default/files/pelbart_peter_pal_biopolitica_biopotencia.pdf. Acesso em: 19 mar 20.